

# **Esporte, comunicação e sociologia: uma leitura da trajetória acadêmica e da produção intelectual de Ronaldo Helal**

## **Sport, communication and sociology: a reading of the academic trajectory and intellectual production of Ronaldo Helal**

***Bernardo Borges Buarque de Hollanda***

*Professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV).  
Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

### **Introdução**

O presente artigo propõe uma reflexão em duas frentes: de um lado, visa reconstituir a trajetória acadêmica de Ronaldo George Helal, professor titular da Faculdade de Comunicação da UERJ e autor, desde 1990, de uma obra dedicada a explorar a interface entre os esportes, a comunicação social e a sociologia; de outro, o texto pretende analisar um dos temas mais recentes da agenda de pesquisa desenvolvida por Helal e, em verdade, ainda em andamento. Trata-se de seu estágio de pós-doutoramento realizado em Paris, no ano de 2017, sob supervisão do sociólogo francês Patrick Mignon, junto ao *Institut national du sport, de l'expertise et de la performance*, conhecido pelo acrônimo INSEP.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.267>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 47, p.143-164, mai./ago. 2022

A articulação entre essas duas frentes é pertinente porquanto a pesquisa de pós-doutorado em questão se mostra fiel a um método de interpelação de seu objeto central, situado na intersecção entre esporte, nacionalismos e comunicação. A metodologia ali presente vem sendo refinada no decorrer de uma vida que se desenrola nos últimos trinta anos, como um *work in progress*, e que tem por cerne o exame dos discursos midiáticos sobre a performance da Seleção Brasileira em Copas do Mundo desde a ótica da imprensa estrangeira.

No caso, o mais recente projeto de autoria de Ronaldo focaliza a leitura seriada das narrativas da imprensa esportiva francesa, em um recorte de partidas específicas extraídas, por sua vez, de quatro edições de Mundiais da FIFA, a saber: 1958, 1986, 1998 e 2006. Até o presente momento, Helal já publicou artigos sobre a primeira dessas Copas, ocorrida na Suécia, quando a Seleção Brasileira conquistou o primeiro título mundial, após superar a França de Raymond Kopa nas semifinais.

Outra produção resultante desse pós-doutorado volta-se à Copa do Mundo da França de 1998, quando a equipe anfitriã, comandada por Zinedine Zidane, aplicou uma inapelável vitória de três a zero sobre o selecionado brasileiro e se sagrou campeã mundial pela primeira vez na sua história, em euforia nacional que extravasou os domínios esportivos e contagiou todos os recantos do chamado Hexágono, há pouco mais de vinte anos.

Dito isso, este artigo sugere que a abordagem das relações franco-brasileiras de identidade e alteridade proposta por Helal em diferentes edições do torneio futebolístico traz ao menos dois rendimentos analíticos oportunos para a reflexão a seguir recortada:

1. A leitura do material jornalístico colhido no pós-doutorado na França constitui o apogeu de uma metodologia crítico-interpretativa de abordagem da identidade nacional, construída pelo autor por meio da análise narrativa do desempenho da Seleção Brasileira em Copas do Mundo. A compreensão não essencialista do futebol brasileiro subverte a pretensa familiaridade, em que Brasil e seleção constituem significantes intercambiáveis, e opera um descentramento progressivo e expansivo do olhar. Este começa com a sistematização das fontes impressas produzidas no Brasil, desloca-se e alarga-se em seguida para o ambiente especular platino, com a exploração da retórica periodista do Uruguai e da Argentina acerca da Seleção Brasileira, e, por

fim, amplia-se e capta com ainda mais agudeza o caráter prismático e nada transparente de uma visão, por assim dizer, francocêntrica do Brasil do século XX.

2. Argumentamos também que o diferencial interpretativo da obra de Ronaldo deriva dessa condição de pesquisador capaz de olhar o país, por assim dizer, de fora para dentro. À maneira de uma rica tradição de intérpretes do Brasil que se valeram da experiência formadora da viagem para interpelar o país sob novos parâmetros, Helal consegue igualmente analisar e criticar a entidade supostamente totalizante da nação, extraindo dela uma percepção insuspeitada do futebol praticado no país. Proponho que a “viagem como vocação” – termo cunhado pela antropóloga da USP Fernanda Peixoto para destacar como deslocamentos espaciais de intelectuais implicaram em formas originais de conhecimento da realidade social – está presente também na obra nosso homenageado. Seu primeiro momento ocorre já nos Estados Unidos, onde realiza sua formação na pós-graduação, passa por uma estada na Argentina, onde faz seu primeiro pós-doutorado, e culmina com a experiência mais recente na França, quando de seu segundo estágio de pós-doutoramento.

Para ir ao encontro desse argumento exploratório, elegemos como fio condutor momentos-chaves da trajetória e da produção do autor, a fim de que sua investigação mais recente sobre as narrativas francesas do futebol brasileiro possa ser, ao fim e ao cabo, compreendida em toda sua amplitude, corolário do processo de construção de um método interpelativo do fenômeno esportivo enquanto objeto da Comunicação e das Ciências Sociais.

### **Esboço de prosopografia? Os anos de formação e a sociologia estadunidense do esporte**

1982 é um ano emblemático quando se trata da introdução do futebol como objeto de estudo nas Ciências Sociais brasileiras. Seu marco zero é atribuído à publicação da coletânea *Universo do futebol*, organizada pelo antropólogo Roberto DaMatta, com a colaboração de mestrandos e doutorandos do programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, cujos trabalhos de final de curso enfeixam os capítulos do livro.

Naquela conjuntura, em que se vivenciavam os estertores da ditadura militar brasileira (1964-1985), a obra lança as bases sociológicas e antropológicas de legitimação da prática esportiva como um novo campo de observação. O desafio colocado àquela altura consiste em transcender uma visão de

preconceituosa do senso comum e mesmo dos intelectuais acerca do tema. Tal visão entendia o futebol como alienação, ópio do povo e válvula de escape, versões vulgarizadas por certo marxismo egresso das teorias críticas do esporte (VAZ, 2005). Em contrapartida, o livro de DaMatta afirmava a capacidade de o futebol explicitar aspectos simbólicos e ritualísticos mais profundos, que operavam na fímbria da relação estrutural, cotidiana e extraordinária, do brasileiro com o esporte mais popular do país (DaMATTA, 1982).

A conjuntura de lançamento é propícia à publicação, com os interesses voltados à Copa do Mundo da Espanha, ocasião em que a Seleção Brasileira protagoniza uma de suas campanhas mais decantadas em termos de performance e exibição. A despeito da chamada “tragédia do Sarriá”, com a eliminação para a equipe da Itália na segunda fase do torneio, o desempenho em campo faria reviver o encantamento nativo e estrangeiro com o propalado futebol-arte, que adormecera desde a conquista do tricampeonato no Mundial do México em 1970.

Como se sabe, a reiteração da obra de DaMatta como divisor de águas dos estudos futebolísticos possui um caráter até certo ponto arbitrário. Como o próprio Helal acentua em seus levantamentos, trabalhos pregressos de intelectuais da antropologia, da comunicação e da história já existiam, ainda que sem a devida atenção e repercussão, ao longo da década de 1970, como os de José Carlos Rodrigues, Muniz Sodré e Joel Rufino dos Santos, entre outros.

Mesmo no Museu Nacional, instituição de origem de DaMatta, trabalhos anteriores, como as dissertações de Simoni Guedes – *Futebol, instituição zero* –, de 1977, e de Ricardo Benzaquen – *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão* –, de 1981, já haviam sido desenvolvidos e ali teriam continuidade no decorrer dos anos 1980, com as pesquisas seminais de José Sérgio Leite Lopes (1992; 1994) sobre Garrincha e Mário Filho.

Isso, por suposto, não tira os méritos contidos em *Universo do futebol* e o impacto que tem nas futuras gerações de pesquisadores, cuja influência se manifesta, entre outros, em questões centrais do trabalho do próprio Helal dos anos 1990 em diante.

Naquele ano de 1982, Ronaldo era um jovem de 26 anos, com dupla formação: havia três anos, em 1979, formara-se em Ciências Sociais no IFCS da UFRJ, tendo assistido a palestras de Darcy Ribeiro, antropólogo que recém chegara do exílio político, e tendo sido aluno de Lélia Gonzalez, conhecida ativista do movimento negro brasileiro. Já no ano de 1980, o estudante obteve seu diploma em Comunicação

Social na PUC-Rio, onde foi aluno de Everardo Rocha, professor e amigo de grande importância na definição dos temas e no seu encaminhamento na vida acadêmica.

Filho de um dirigente esportivo que se tornou presidente do Clube de Regatas do Flamengo na época áurea desse time (HELAL, 2019), Ronaldo envolveu-se afetivamente com o futebol desde muito cedo. Nos anos 1960 e 1970, frequentava as arquibancadas do Maracanã e assistia aos jogos do Flamengo na Torcida Jovem, então comandada por Tia Helena. Graças a seu pai, aproximou-se e se tornou amigo de uma geração de ídolos do clube, como Zico e Junior. O futebol ocupava sua vida de forma integral, e esse forte vínculo passional foi determinante nas suas escolhas acadêmico-profissionais.

Em 1982, dias antes do início do Mundial da Espanha, Ronaldo embarcou rumo aos Estados Unidos para iniciar seu mestrado em sociologia na *New York University*. Diferente do sistema atual, o título de mestre foi obtido quatro anos depois, em 1985. Já no ano seguinte, Ronaldo ingressou no doutorado na mesma NYU. Dali para a frente, seria uma longa jornada de quase uma década, com o cumprimento dos créditos, o regresso ao Brasil para a pesquisa de campo e até mesmo o risco de jubramento, numa época em que prazos dilatados acabavam por colocar outra ordem de problema aos doutorandos.

De volta ao país, ainda como doutorando, realizou o trabalho de campo por meio de uma série de entrevistas com dirigentes esportivos de clubes, federações e confederações. Gravou também o registro de ícones do jornalismo esportivo de então, como Sandro Moreira e João Saldanha. Junto às gravações, a coleta de dados compreendia a lida com as edições impressas de *O Globo* e do *Jornal do Brasil*, à época fontes de peso nos meios de comunicação brasileiros. Depois de um longo percurso, o doutoramento se encerrou em 1994 – ano da Copa do Mundo nos Estados Unidos –, quando defendeu tese intitulada *The Brazilian soccer crisis as a sociological problem*.

A realização de uma pós-graduação no exterior teve implicações importantes, para não dizer decisivas, na formação pessoal e profissional de Ronaldo. É aqui que situamos um primeiro elemento-chave da sua trajetória universitária, pois possibilitou o descentramento de um campo de experiências que, mais à frente, se mostrou capital na construção de um olhar desnaturalizador da prática do futebol no Brasil.

A vivência nos Estados Unidos, a propósito, país de nascimento de seu pai, comerciante com ascendência síria, que em 1932 chegou ao Brasil, é marcante: em especial, a vida em Nova Iorque, uma

cidade cosmopolita da costa leste, vitrine mundial, tão associada ao capitalismo, ao consumo e à migração internacional. Do ponto de vista estritamente acadêmico, saliente-se a participação em congressos de filosofia do esporte: por exemplo, o ocorrido em Boston, com a presença de especialistas no hooliganismo britânico, como Ian Taylor. Naquele país, travou contato com uma literatura muito diversa daquela existente no seu país de origem e permitiu se debruçar sobre a sociologia do esporte estadunidense, uma subárea consolidada naquele país, em razão da pujança da sua indústria esportiva e do vigor de diversas modalidades atléticas, olímpicas e profissionais.

As marcas da leitura incorporadas no mestrado e doutorado podem ser identificadas no livro de estreia de Ronaldo, *O que é sociologia do esporte*. O livro foi lançado em 1990 pela Brasiliense, uma conhecida editora de esquerda, dirigida por Caio Graco, que fazia muito sucesso com coleções de *pocket books*, intituladas “Primeiros Passos” e “Tudo é História”, cujo catálogo alcançava tiragens significativas para os padrões do mercado editorial brasileiro e se colocava muito acima do patamar de vendas de títulos universitários.

Livro introdutório e de encomenda, escrito enquanto desenvolvia sua tese, *O que é sociologia do esporte* vale-se da experiência de vida e do repertório bibliográfico aprendido durante a bolsa de mestrado e doutorado nos Estados Unidos. Destinada a um público leigo, estrategicamente lançada em 1990, ano da Copa da Itália, a publicação desperta a atenção de uma geração de estudantes de Ciências Sociais e de Educação Física, em busca de espaço para a legitimação de seu objeto.

Com efeito, o livro procura apresentar ao leitor uma “recém-nascida disciplina” e permite ao autor sistematizar definições e conceitos aprendidos com a bibliografia norte-americana, que, por seu turno, guardava diferenças diante da produção europeia, sobretudo a francesa, a que estava mais acostumada a Academia no Brasil. Entre os títulos incorporados por Ronaldo para o embasamento da obra, citem-se *Sport: a philosophical inquiry* (1971), de Paul Weiss; *From ritual to record* (1978), de Allen Guttman; e *Barbarians, gentlemen and players* (1979), de Eric Dunning, três livros desconhecidos, se não até hoje, do público brasileiro de então.

De acordo com o autor, a publicação visa “estudar sociologicamente o esporte”, o que naquela altura significa “realizar uma investigação crítica, distante e sistemática do significado e das consequências do esporte como uma grande instituição social”. O teor introdutório do livro caminha *pari passu* com uma

linguagem convidativa, amigável, em tom de conversa, com exemplos de cenas corriqueiras, a aproximar quem escreve de quem lê. As referências teóricas da sociologia clássica – Durkheim, Weber, Marx – comparecem com seus conceitos de fato social, racionalização, secularização, especialização, conflito, mas de uma forma, por assim dizer, lúdica à compreensão do leitor.

Nesse ponto, faça-se um parêntesis e destaque-se uma virtude que marca não só o livro de estreia de Ronaldo, como o conjunto dos seus textos: sem prejuízo do rigor acadêmico, trata-se de uma escrita que combina leveza narrativa e clareza argumentativa. Nela, ao contrário dos que se valem da teoria para exercícios de erudição e hermetismo, o autor utiliza o referencial teórico para cumprir sua real função, qual seja, a de iluminar um campo empírico e a de distinguir categorias e conceitos substantivos no diálogo com a comunidade científica.

De volta ao livro em tela, a presença da sociologia norte-americana se faz logo de início, com a invocação do vocabulário em inglês, sua comparação com a língua portuguesa e a apresentação de verbos, substantivos e diagramas que demarcam a distinção sociológica entre brincadeira, jogo e esporte, bem como sua relação constitutiva com as regras. O último termo é definido ainda por um adjetivo, que lhe dá a condição distintiva de “esporte moderno”, ou seja, uma prática competitiva historicamente construída e submetida a uma alta escala organizacional e a uma complexa teia de agentes e instituições envolvidas.

Outra dimensão sociológica explorada por Ronaldo no livro diz respeito às competições internacionais e aos espetáculos esportivos, com sua tendência à quantificação e à submissão do corpo ao registro estatístico. A característica é acentuada por Ronaldo na tradição cultural anglo-saxã, com a publicação em diários jornalísticos dos Estados Unidos de dados quantificáveis sobre as mais diversas modalidades esportivas. O incremento de dispositivos tecnológicos voltados a mensurar práticas e desempenhos atléticos é mais uma faceta desse processo, traduzido em metas abstratas como a superação de recordes, com a identificação por Helal da importância crescente desse fenômeno em fins dos anos 1980, junto à sua mercantilização.

Embora muitos exemplos e personagens sejam extraídos do contexto futebolístico brasileiro, percebe-se no trabalho uma série de informações oriundas do acompanhamento dos esportes nos Estados Unidos: a começar pela racionalidade contida numa descrição da dinâmica do futebol americano e da função de seus jogadores em campo, fruto evidente da estada do autor naquele país. Para além de

aspectos intrínsecos, salientam-se propriedades estruturais daquele esporte que se coadunam com os valores mais amplos da sociedade estadunidense, o que explicaria a popularidade não só do futebol americano, como também do beisebol, por meio de atletas como Babe Ruth.

Um sociólogo que já comparece aqui e que teria longo interesse na obra é Gilberto Freyre. Não se trata do notório prefácio freyreano a *O negro no futebol brasileiro*, do jornalista Mário Filho em 1947, mas de texto menos conhecido, publicado na revista *O Cruzeiro* em 1958. Nela, o controvertido autor sublinha as categorias nativas “futebol-arte” e “futebol-ciência” no contraste dos estilos de jogo entre Brasil e União Soviética, por ocasião do confronto na Copa do Mundo na Suécia daquele ano. Note-se que não está em questão a categoria étnica “futebol mulato”, tampouco a díade apolíneo-dionisíaca dos escritos do *Diário de Pernambuco* vinte anos antes, referentes à Copa de 1938, mas uma dimensão estético-artística de exibição que lhe é correlata.

A reflexão comporta um tema caro à trajetória acadêmica de Helal, sempre inquieto na busca por uma resposta ao modo como os esportes amalgamam, em diferentes combinações conforme a modalidade, elementos técnico-rationais-comerciais com aqueles mágico-ritualísticos-religiosos, o que compreende não apenas a ação dos atletas, como o papel das multidões de espectadores nos estádios do século XX. Os estilos de jogo, o discurso meritocrático das vitórias, o uso das metáforas no vocabulário esportivo, o caráter extraordinário das partidas, a incerteza do resultado, a relação dos torcedores com sua equipe, a penetração do dinheiro na indústria do entretenimento e a construção do ídolo pela mídia são alguns temas pinçados pelo autor para fazer o leitor-estudante, agora dotado do instrumental teórico, apto a perceber a dimensão sociocultural dos esportes na vida moderno-contemporânea.

### **Invenção e crise do “país do futebol”**

Vista a contribuição de *O que é sociologia do esporte* para a literatura brasileira, e ressaltada a importância do período de formação e residência nos Estados Unidos, durante os anos 1980, vejamos o momento seguinte à pós-graduação. De volta ao Brasil, dotado da capacidade de apreender de modo relacional o universo esportivo, conformam-se as questões fundamentais de pesquisa do autor. Não cabe aqui alongar nas vicissitudes pessoais e institucionais da carreira docente de Helal, que se consolida na Faculdade de Comunicação da UERJ, onde ele foi um dos artífices da montagem do seu programa de pós-graduação, principiado em 2002.

Propõe-se aqui uma baliza temporal, que começa em 1997, ano de lançamento de *Passes e impasses: futebol e cultura de massas no Brasil*, versão da tese traduzida do inglês e simplificada para a publicação em livro, e se estende até 2001, ano de aparecimento da coletânea coordenada por Helal A *invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Este livro vem a público em parceria com o antropólogo argentino Hugo Lovisoló e o pesquisador da área de Educação Física Antônio Jorge Soares, dois interlocutores decisivos na cristalização da problemática fundamental da relação entre futebol e identidade nacional brasileira.

*Passes e impasses* tem por foco a chamada “crise” do futebol brasileiro na virada dos anos 1980 para 1990, categoria jornalística mobilizada pela imprensa para debater a suposta perda da aura do futebol brasileiro e a precária agenda de modernização, incapaz de criar estruturas político-administrativas em consonância com as expectativas de um capitalismo desenvolvido. É o caso de examinar a fase crítica que sucedeu a derrota de uma geração na Copa do Mundo de 1986, a expatriação dos grandes ídolos nacionais para o futebol europeu, a deterioração dos equipamentos esportivos públicos, a queda de público e o aumento da violência protagonizada pelas torcidas organizadas nos estádios brasileiros.

Em contrapartida, Ronaldo investiga a ação dos agentes do meio, com a criação do Clube dos 13, o lançamento da Copa União, a entrada dos patrocínios, os contratos televisivos e a mudança da legislação esportiva – que começa nos anos 1990 por meio da chamada Lei Zico, então secretário especial de esportes do governo federal –, por sua vez associada ao fim do CND, o varguista Conselho Nacional de Esportes.

A problematização sociológica do livro tem duas perspectivas: de um lado, observa-se o discurso dos dirigentes acerca dessa crise, mediante entrevistas com figuras-chaves de clubes, de federações e de confederações; de outro, acompanha-se o modo como a grande imprensa narra e se envolve nessas transformações, preconizando mudanças capazes de pavimentar o caminho à propalada “modernização”. O material narrativo permite inscrever o futebol em um debate mais amplo da formação da sociedade brasileira e da cultura de massas no século XX, sob a égide weberiana da incompletude do processo racional-legal que levaria à eficiência da gestão e à organização racionalizada de um calendário esportivo capaz de inserir as competições futebolísticas no capitalismo internacional.

Se a ótica dos dirigentes esportivos se relaciona à relação afetiva com a figura paterna de Ronaldo, em uma espécie de prestação de contas com seu passado e sua própria história de vida, a visão da imprensa sobressai desde então na sua agenda de pesquisa, que amadurece e adquire nova envergadura até 2001, ano de lançamento de seu novo livro, *A invenção do país do futebol*.

Seria ingênuo falarmos da construção de um pensamento autoral sem compreender o papel da influência de outros pesquisadores em sua formação. No caso de Helal, a vida universitária na UERJ o aproxima do antropólogo argentino Hugo Lovisoló e de Antônio Jorge Soares, seu então orientando de doutorado na Universidade Gama Filho. Ao tomar parte da primeira banca de doutorado em que participa na condição de arguidor, no ano de 1998, Ronaldo tem contato com uma pesquisa iluminadora.

A tese, desde então marcada pelo crivo da polêmica, dedica-se à desconstrução das ideias freyreanas contidas no livro de Mário Filho e ao questionamento da assimilação supostamente acrítica dos pesquisadores acadêmicos da obra daquele jornalista. Em que pesem eventuais discordâncias e pontos que resvalam mais no âmbito das pessoas que das ideias, a tese examinada enseja a reflexão sobre a complexidade do uso historiográfico das fontes jornalísticas nos estudos do futebol e emula o debate no interior dessa subárea emergente nas Ciências Sociais.

O contato com a tese vai além do rito de defesa, e a interlocução com Lovisoló e Soares desdobra-se um diálogo frutífero que resulta em coletâneas, a começar por *A invenção do país do futebol*, lançada em 2001. A obra se permite fazer críticas mútuas entre os autores do mesmo livro, no avanço da reflexão sobre o caráter “inventado” da tradição no futebol brasileiro, debatendo os alcances e limites da história do futebol sob uma ótica culturalista e identitária. O trio dá continuidade à reflexão coletiva dez anos depois, em 2011, com *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*.

Todavia, o mais importante a apreender desses debates é a construção de um método mais consciente e preciso de lidar com as fontes impressas e com o jornalismo esportivo. Desse modo, a dimensão analítica das ciências sociais é capaz desde então de demarcar as diferenças em sua metodologia e seus objetivos face ao mesmo campo de atuação dos jornalistas, cujos livros seguem outros critérios de entendimento do fenômeno esportivo.

A consciência em torno da distinção de papéis do cientista social e do jornalista vai impelir o trabalho de Helal em duas vertentes. A primeira volta-se à idolatria, que articula mídia e cultura popular e

aborda o imaginário de sucesso, bem como a representação social dos ídolos nos esportes, por meio da análise narrativa heroica dos atletas, numa galeria cativante que passa por estudos de caso sobre Bebeto, Zico, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno, Senna, Pelé, Marta, Neymar, Maradona e Messi. Tudo isso é feito à luz de referenciais teóricos baseados ora na obra de Joseph Campbell *As mil faces do herói* (1989), ora no livro de Norbert Elias *Mozart: sociologia de um gênio* (1994).

A segunda vertente, que ora nos interessa, diz respeito à leitura produzida pela imprensa acerca da identidade nacional, mediada pela participação da Seleção Brasileira nos torneios quadrienais da FIFA, mais conhecidos como Copas do Mundo. É interessante observar em que medida toda a construção do discurso nacionalista associado à equipe masculina de futebol profissional do Brasil se encontra, no limiar do século XXI, envolta sob nova “crise”, tal como identificada novamente por Ronaldo. A reflexão do autor detecta que o chamado estilo nacional, construído num arco temporal que vai dos anos 1930 a 1980, perde a sua centralidade, com o declínio do futebol no bojo de um projeto de nação. Esta perde sua eficácia ou simplesmente vê questionada a sua força metafórica no novo século que se anuncia.

Não significa que a mitologia do “país do futebol” deixe de ser acionada a cada quadriênio ou em partidas e torneios internacionais da Seleção. Ocorre que o elo identificatório da “pátria de chuteiras”, a conectar torcedor, jogador – outrora ídolo do clube no país – e a equipe nacional, deixa de operar sob as mesmas bases narrativas do século XX. O futebol, sob o influxo da globalização, continua sendo terreno propício à edificação de identidades coletivas, mas com significados distintos de antes. Tal aspecto se torna mais perceptível a cada edição do torneio da FIFA e mais flagrante durante o processo de organização dos megaeventos esportivos no Brasil, em especial o Mundial de 2014.

### **Os “vizinhos distantes” do futebol**

Passemos ao ponto seguinte de exposição da metodologia de abordagem da performance futebolística por parte do autor em questão. Após a exploração das fontes impressas no Brasil – *Jornal dos Sports, Folha de São Paulo, Veja, IstoÉ*, entre outras –, o autor decide adentrar outro terreno investigativo. Helal desloca seu olhar para a leitura dos periódicos dos países platinos, Argentina e Uruguai, no contrapé de uma postura usual, espécie de zona de conforto a muitas pesquisas, circunscritas aos enquadramentos da imprensa brasileira.

Sugerimos que, à maneira do livro *O espelho de Próspero*, invocado por Richard Morse em suas reflexões contrastivas sobre a anglo-américa e a ibero-américa, o espelhamento não com os Estados Unidos, mas com a Argentina e o Uruguai, faz Ronaldo refinar seu método relacional e comparativo, sendo capaz de perceber em contraplano, para usar a terminologia do cinema, as representações mais arraigadas da chamada brasilidade.

Trata-se de um passo rumo a uma sociologia comparada, que aponta para o caráter tanto homogêneo quanto hegemônico dos estereótipos sobre o “outro”. Isso resulta da ampliação do horizonte acadêmico de Ronaldo à frente do Grupo de Trabalho “Esporte e Política” da ANPOCS (Associação de Pós-Graduação em Ciências Sociais) e da vinculação de seu grupo do CNPq à FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), além da participação contínua, sua e de seus orientandos, no Grupo de Pesquisa “Comunicação e Esporte” da própria INTERCOM.

Também não iremos nos deter em aspectos biográficos que levaram em 2005 e 2006 ao pós-doutorado na Argentina, sob a supervisão de Pablo Alabarces, grande referência nos estudos futebolísticos daquele país, cuja interlocução e amizade principia justamente nos GTs da ANPOCS.

Gostaria de assinalar um dado pontual sobre essa passagem pelas terras portenhas, ao destacar a parceria colaborativa de Ronaldo com seus orientandos no conjunto da sua produção intelectual. Aqui também estamos distantes de um pensamento isolado, confinado à margem da experiência de docência e da formação de dezenas de mestrandos e doutorandos ao longo de duas décadas. A relação de orientação é vivenciada como construção coletiva e horizontal do saber, em que ensino e aprendizagem constituem via de mão dupla.

Dessa maneira, com relação à imprensa uruguaia e sua cobertura do malfadado *Maracanazo*, ressalte-se a contribuição de Álvaro Cabo, pesquisador com quem organizou em 2014 o livro *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Nele, aprofundam um panorama teórico estruturado em três referências fundamentais: *A invenção das tradições*, de Eric Hobsbawm e Terence Rangers (1997); *Comunidades imaginadas*, de Benedict Anderson (2008); e *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall (2006).

O trio dá o embasamento à compreensão dos nacionalismos quadrienais acionados pelo evento da FIFA. Aos três autores, agrega-se nos últimos anos a exploração da dimensão estética da prática e da

fruição do esporte nas reflexões de Hans Ulrich Gumbrecht, filósofo e teórico da literatura alemão que Ronaldo conheceu pessoalmente em 2012 e sobre quem organizou um livro em 2015.

De volta à pesquisa de campo, o trabalho de Álvaro, a explorar a via comparada desde o mestrado, baseia-se em matérias coligidas na Biblioteca Nacional do Uruguai, em particular junto ao periódico *El País*, de Montevideu, mas também *El Día*, *Acción* e *La Plata*. Autor e orientador são capazes de perceber nuances e pontos de vista que passaram despercebidos a uma longa tradição de jornalistas e mesmo a uma linhagem de estudiosos no Brasil, obcecados pela missão de explicar uma partida, como se o Mundial de 1950 comportasse apenas esse significado trágico unívoco.

Destarte, se a imprensa brasileira hesita entre o racial, o moral e o político na explicação da derrota, os periódicos uruguaios são vetores discursivos de construção da autoimagem da picardia *criolla*, em contínuo processo de diferenciação do jogo original inglês, conforme já argumentava antropólogo Eduardo Archetti (2003), outro autor que incorpora seu país, a Argentina, de fora para dentro, isto é, a partir de sua vivência de décadas como professor na Universidade de Oslo, na Noruega. O enaltecimento da raça uruguaia e do sangue “charrua” imputam garra, coragem e valentia ao estilo de jogo uruguaio e à tradição das vitórias internacionais colecionada desde os anos 1920.

Já a investigação dos periódicos argentinos por Helal acompanhou a construção da rivalidade entre os dois países entre as Copas de 1970 e 2002. Ao identificar como, no Mundial de 1970, os argentinos aderiam à torcida pela Seleção Brasileira na condição de representante da escola sul-americana de futebol, percebe-se já de início o caráter fabricado, paulatino e conjuntural de rivais recentes, cuja emulação não impede, da parte dos argentinos, o reconhecimento, com admiração, do talento e das qualidades brasileiras. Junto à mirada histórica, dá-se ênfase ao contemporâneo, como o Mundial de 2006 na Alemanha, no período em que Ronaldo se encontrava *in loco* durante seu pós-doutorado na Universidade de Buenos Aires.

O acompanhamento presencial inclui ainda a Copa das Confederações, em 2005, amistosos e partidas válidas pelas Eliminatórias. A pesquisa implica leitura diária e tem por foco dois grandes veículos de imprensa – *El Clarín* e *La Nación* –, além da tradicional revista *El Gráfico* e do tabloide especializado *Olé!*, pertencente ao grupo *Clarín*, criado havia dez anos, cuja linha editorial primava pela ironia e pelo sarcasmo. O levantamento compreende as categorias nativas acionadas pelas matérias jornalísticas e a

cronologia escandida antes, durante e depois da Copa, mediante o relato seriado dos cronistas e dos periodistas que se referiam à “alegria” e à “magia” de Ronaldinho Gaúcho e outros futebolistas do país vizinho.

Malgrado a expectativa em torno do desempenho virtuoso dos rivais em 2006, a cobertura argentina da campanha brasileira assiste a uma inflexão com a eliminação no Mundial para a França de Zidane, a mesma que superara a equipe do Brasil no Mundial de 1998. Se a tendência de torcer pelos sul-americanos, existente no contexto da Copa de 1970, não se verifica mais no século XXI, a admiração pelo “jogo bonito” ainda se faz perceber durante a competição esportiva.

Contudo, o desfecho eliminatório da Seleção frente a uma equipe europeia abre caminho para que o diário *Olé!* lance mão de uma série de deboches e provocações, a tripudiar sobre a derrota dos vizinhos. Mais do que tais circunstâncias, a satisfação ante a eliminação reflete como o recente acirramento da rivalidade no futebol dos dois países se manifesta sob a estrutura das relações jocosas entre os torcedores, canalizada e reverberada pelos meios de comunicação. A relação de país a país é expressa numa *boutade* revelada a Helal por Alabarces, ao apontar as ambivalências de sentimentos – admiração, inveja, repulsa, amor e ódio – cultivados entre um e outro: “os brasileiros amam odiar os argentinos, enquanto os argentinos odeiam amar os brasileiros”.

### **Os reis destronados**

A derrota de 2006 dá o gancho para o último item deste ensaio reconstitutivo da obra e da trajetória do autor, procurando ir agora ao cerne do argumento em torno da sua metodologia analítico-interpretativa. As sucessivas derrotas brasileiras para a equipe francesa entre 1986 e 2006 motivam Ronaldo a realizar seu segundo estágio de pós-doutoramento, em Paris, voltando-se assim ao exame do imaginário franco-brasileiro por intermédio do futebol. Se a relação vicinal emula a rivalidade contemporânea entre brasileiros e argentinos, decorrência da proximidade territorial, a alteridade e a distância intercontinental acionam outra ordem de estereótipos da França *vis-à-vis* o Brasil.

Helal parte de estudos prévios feitos com jornais franceses por Arlei Damo (2009) e José Sérgio Leite Lopes (1998), que abordam o mito fundacional do futebol brasileiro na terceira edição da Copa do Mundo da FIFA, na França, em 1938. Se o próprio Ronaldo estuda esse Mundial à luz dos textos de Gilberto Freyre (HELAL; MOSTARO, 2018), a leitura dos periódicos franceses mostra que o atributo mágico-primitivo

de jogadores acrobatas e malabaristas foi construído, por assim dizer, não apenas “de dentro para fora”, mas também de “fora para dentro”.

Ronaldo avança nesse debate em que o tropicalismo, conforme sugere o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro (2002) ao parafrasear Edward Said, é uma invenção do europeísmo, ou seja, um jogo de espelhos que afinal constitui uma armadilha hegemônica, a reiterar e simplificar estereótipos de ambas as partes. Para tanto, Helal passa do imaginário consagrado no Mundial de 1938 para a segunda metade do século XX. A passagem compreende um período de quatro décadas, que vai da Copa da Suécia, em 1958, à Copa da França, em 1998, quando confrontos diretos entre as duas equipes acionam mais uma vez narrativas jornalísticas sobre os dois países.

Em seu estágio, o autor vale-se da consulta na Biblioteca François Mitterrand, em Paris, para acessar dois jornais selecionados, seguindo o critério de importância, com um periódico geral e outro especializado: o primeiro, o *Le Monde*, e o segundo, o *L'Équipe*. A leitura da imprensa francesa sobre a Seleção em 1958 evidencia de que maneira, passados vinte anos do Mundial de 1938, os brasileiros continuam a ser tratados: sob a rubrica geral de sul-americanos, cujo estilo individual e cuja habilidade técnica contrastam com a força europeia – no caso o selecionado britânico. A continuidade faz sentido porquanto Helal identifica os mesmos jornalistas de 1938 que emitem tais comentários, como Gabriel Hanot, correspondente de *Le Mirroir des Sports*, a fazê-lo também na Copa da Suécia em 1958.

Se Leônidas e Domingos se tornaram ícones nacionais em 1938, duas décadas depois, a suposta natureza do brasileiro é encarnada em princípio pelo jogador negro Didi. As partidas da Seleção se sucedem por confrontos exclusivos com equipes europeias. Além da Inglaterra, a Seleção tem por adversário Áustria, União Soviética, País de Gales, França e Suécia, e cada partida ganha novos contornos descritivos da imprensa francesa sobre o selecionado brasileiro. Segundo Ronaldo, uma ambivalência constitutiva, também remanescente de 1938, pode ser detectada num raciocínio básico e binário dos jornalistas-narradores: as vitórias são explicadas pela virtuosidade individual, haja vista que a qualidade técnica seria instintiva, ao passo que as derrotas derivam da falta de coesão e conjunto, da ausência de espírito de coletividade.

Assim, Helal identifica como o resultado condiciona a explicação sobre o brasileiro. O caráter pendular entre a crítica e o louvor depende do modo pelo qual o desempenho se converte em conquistas.

A visão eurocêntrica ora acentua o encantamento exótico com os dribles de Garrincha, com sua imprevisibilidade, ora o consideram carentes de objetividade, não racionais, decorrência da fragilidade moral do jogador dos trópicos. As circunstâncias da partida, conforme já se veiculara nas Copas de 1950 e 1954, são a mostra de que a instabilidade emocional do brasileiro continua a prevalecer, e disso poderia tirar proveito a equipe francesa na semifinal contra o Brasil, o que acaba por não acontecer ante a goleada brasileira de 5 a 2 e o início da glorificação da geração de Pelé e Garrincha.

Se, em 1938, estamos em face do fascínio com a exibição do jogo, vinte anos depois, esta vem-se somar ao resultado, isto é, à consagração de um título mundial, início de um ciclo vitorioso repetido em 1962 e 1970. A combinação entre desempenho e vitória solidifica a marca internacional do Brasil como “país do futebol”. A questão de Helal em seu pós-doutorado na França volta-se, pois, à análise das derrotas brasileiras ante os franceses em Copas, como 1986 e 2006, e especialmente a final de 1998, em que a equipe da França bate a Seleção por três a zero. Como fica o estereótipo da supremacia brasileira ante a narrativa da derrota para os anfitriões sob o ângulo dos jornais franceses?

Quatro décadas depois do Mundial da Suécia, o cenário é outro, com a consolidação do imaginário da grandeza do futebol brasileiro em âmbito internacional. A Seleção chega à França na condição de tetracampeã mundial, vencedora da última edição, realizada nos Estados Unidos em 1994, sob o comando de Romário e Bebeto. O favoritismo da opinião pública internacional era indubitável, ainda que a performance irregular em campo durante o torneio vá contradizer as expectativas do futebol-arte.

A pesquisa de Helal acompanha passo a passo as narrativas da imprensa francesa ao longo dos jogos, até chegar ao seu ápice, com contornos dramáticos, uma vez que a final entre o suposto melhor do mundo e a equipe dos anfitriões do evento acontece no dia 12 de julho, dois dias antes da comemoração da grande festividade nacional, o 14 de julho, data da revolução republicana. Enquanto o drama brasileiro se consubstancia na debacle emocional do ídolo, isto é, na convulsão que impede Ronaldo Fenômeno de jogar a partida decisiva, reavivando os estereótipos de fragilidade moral do homem dos trópicos, os torcedores franceses comemoram em êxtase, quase perplexos com o próprio feito de superar o “país do futebol”.

Sumarizamos aqui pontualmente os textos de Ronaldo para concluir com a observação de que o refinamento do seu método depura cada vez mais aspectos contextuais e organizacionais desses torneios,

em favor do cerne de sua questão de pesquisa, sintetizada na máxima “como eles nos veem”. Assim, diferente de muitas abordagens crítico-sociológicas, o alvo do pesquisador não é o contexto, o extracampo, nem os fatores político-econômicos que condicionam as Copas, mas justamente o campo de jogo, a performance dos atletas e a atuação das equipes. A partir daí, Ronaldo infere sua problemática central, qual seja, analisar de que maneira a mídia, com seus interesses mercadológicos e publicitários subjacentes, dá sentido aos jogos sob a forma de ideologias nacionais e de discursos morais, de valores sociais e de representações coletivas.

Em sua trajetória, Ronaldo não se contenta com as versões locais naturalizadas do nacionalismo cíclico e exercita aquilo que, tomando de empréstimo a expressão de Fernanda Peixoto, chamamos de “a viagem como vocação”. Afinal, como estimar a importância da viagem para a formação, o estudo e a pesquisa? Sabe-se, desde o Romantismo, que o ato de viajar associa conhecimento e escrita, possui um caráter iniciático e constitui uma aventura tanto para o corpo quanto para a alma. O deslocamento vai além da mera geografia e diz respeito também a um redimensionamento da epistemologia, uma vez que trabalho e lazer, vivência e conhecimento são operações indissociáveis na viagem de cunho científico.

Conforme procuramos pontuar neste texto ensaístico, a experiência formativa vivenciada por Ronaldo em seu itinerário por Estados Unidos, Argentina e França ultrapassa a condição de mero deslocamento físico, e integra um constructo intelectual mais amplo, com a formação de saberes sobre o mundo, com a percepção diferenciada entre o “eu” e “outro”, capaz de apreender as dimensões de identidade e alteridade nele implicadas.

Ciente da influência que o sistema de ideias da França tem no Brasil, desde pelo menos o positivismo de Augusto Comte, e atento à importância que o ponto de vista externo tem para a formação do pensamento social brasileiro, Helal inscreve a problemática no futebol, ao mobilizar as lentes francesas de leitura do país por meio do desempenho esportivo. Segue a pista de que a fórmula freyreana do futebol como dança dionisíaca afro-brasileira é forjada pelo sociólogo pernambucano em contato com jornalistas franceses em 1938 e mostra o quão enraizada a mitologia permanece vinte anos depois, na Copa de 1958, mas também 60 anos depois, na Copa de 1998, mediante o acionamento do imaginário nacional voltado à imprevisibilidade do talento individual e à exaltação ambígua da suposta autenticidade cultural.

Eis, a meu juízo, os fundamentos do método crítico de Helal na análise interpretativa do Brasil, com a mobilização dos discursos da imprensa sobre o futebol no decorrer dos últimos trinta anos, desde a publicação seminal de *O que é sociologia do esporte*. Como se trata de um autor em plena atividade e no apogeu de sua carreira, desde 2018 reconhecido como professor titular da UERJ, aguardemos, ansiosos, as suas próximas contribuições nos anos por vir.

**Bernardo Borges Buarque de Hollanda**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7781-4684>

*Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

*Doutor em História Social da Cultura / PUC-Rio*

*E-mail: [bernardobuarque@gmail.com](mailto:bernardobuarque@gmail.com)*

Recebido em: 22 de agosto de 2022.

Aprovado em: 6 de setembro de 2022.

#### **Referências:**

AMARO, F.; HELAL, R. **Esporte e mídia**: a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARCHETTI, E. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARAÚJO, R. B. **Os gênios da pelota**: um estudo do futebol como profissão. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/MN-UFRJ, 1981.

CABO, A; HELAL, R. **Copas do Mundo**: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

CAMPBELL, J. **As mil faces do herói**. São Paulo: Cultrix, 1989.

DaMATTA, Roberto. (Org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Edições Pinakoteque, 1982.

DAMO, A. "Os selvagens da bola". In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 30 de setembro de 2009.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.267>

**ALCEU** (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 47, p.143-164, mai./ago. 2022

- DUNNING, E. **Barbarians, gentlemen, and players**. London: Routledge, 1979.
- ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.
- FREYRE, G. “Ainda a propósito de futebol brasileiro”. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1955.
- GUEDES, S. L. **Futebol, instituição zero**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/MN-UFRJ, 1977.
- GUTTMAN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 2006.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELAL, R. **Helal, uma paixão rubro-negra**. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2019.
- HOBSBAWM, E.; RANGERS, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LEITE LOPES, J. S. “A morte da Alegria do Povo”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, n. 20, ano 7, 1992, p. 1-24.
- LEITE LOPES, J. S. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: **Revista USP**. São Paulo: n. 22, 1994, p. 64-83.
- LEITE LOPES, J. S. “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998”. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: n. 23, 1999, p. 175-191.
- LOVISOLO, H.; HELAL, R.; SOARES, A. J. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001.
- LOVISOLO, H.; HELAL, R.; SOARES, A. J. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- MORSE, R. **O espelho de Próspero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOSTARO, F. HELAL, R. 2018. "Foot-ball mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938". In: **Alceu**. Rio de Janeiro: v. 19, n. 37, 2018, p. 16-35.

PEIXOTO, F. A. **A viagem como vocação**: itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: EDUSP, 2015.

RIBEIRO, G. L.; FRIGERIO, A. (Orgs.). **Argentinos e brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis: Vozes, 2002.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VAZ, A. "Teorias críticas do esporte". In: **Revista Esporte & Sociedade**. Rio de Janeiro: n. 1, 2005, p. 1-23.

WEISS, P. **Sport**: a philosophical inquiry. Illinois: Southern Illinois University Press, 1971.

## Resumo

O artigo objetiva reconstituir a trajetória de Ronaldo Helal, um dos pioneiros da introdução dos esportes no campo acadêmico da Comunicação e das Ciências Sociais no Brasil. A reconstituição do seu percurso formativo e da sua produção bibliográfica tenciona demonstrar os marcos do amadurecimento de um método, voltado à identificação das narrativas midiáticas da nação, por intermédio de esportes coletivos como o futebol profissional. Ao longo de três decênios, o autor vem desenvolvendo uma metodologia de análise dos discursos jornalísticos sobre a performance da Seleção brasileira nos torneios quadrienais da FIFA, mais conhecidos como Copas do Mundo. Argumentamos para tanto que um diferencial de sua perspectiva sobre a construção do nacionalismo esportivo tem sido um deslocamento progressivo do olhar, ao eleger fontes estrangeiras – periódicos do Uruguai, da Argentina e da França – para compreender as relações de identidade enunciadas pela mídia impressa acerca do Brasil e da suposta natureza do jogador brasileiro. Tal descentramento permite desvelar a construção de estereótipos identitários, ao mesmo tempo em que possibilita relativizar o paradigma da "essência" da nação em eventos competitivos internacionais. Propõe-se, por fim, que a capacidade de construir uma obra autoral relaciona-se também ao conceito de "viagem como vocação", mobilizado pela antropóloga Fernanda Peixoto para abordar uma tradição de intelectuais que interpretaram o Brasil, graças a

um movimento simbólico-espacial de aproximação e distanciamento, com o reconhecimento especular das alteridades e das diferenças nacionais.

**Palavras-chave:** Futebol. Meios de comunicação. Identidade nacional. Copas do Mundo. Viagem como vocação.

## Abstract

This article aims to reconstruct the trajectory of Ronaldo Helal, one of the pioneers of the introduction of sports in the Communication and Social Sciences as academic fields. The reconstitution of his formative path and bibliographic production intend to demonstrate the milestones of the maturation of a method aimed at the identification of a nation's media narratives through collective sports such as professional football. Over the course of three decades, the author has been developing a methodology for analyzing journalistic discourses about the performance of the Brazilian National Team in the quadrennial FIFA tournaments, better known as World Cups. We thus argue that a differential of Helal's perspective on the construction of sports nationalism has been a continuous shift of his gaze when choosing foreign sources – newspapers from Uruguay, Argentina and France – to understand the relations of identity enunciated by printed media about Brazil and the supposed nature of Brazilian players. Such decentralization allows the researcher to unveil the construction of identity stereotypes, while also raising questions about the paradigm of the nation's "essence" in competitive international events. Finally, it is proposed that the ability to build an authorial work is also related to the concept of "travel as a vocation," mobilized by anthropologist Fernanda Peixoto to address a tradition of intellectuals who interpreted Brazil, thanks to a symbolic-spatial movement of approach and distancing, with the specular recognition of national otherness and differences.

**Keywords:** Football. Media. National identity. World Cups. Travel as a vocation.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo reconstruir la trayectoria de Ronaldo Helal, uno de los pioneros de la introducción del deporte en el campo de la Comunicación y las Ciencias Sociales. La reconstrucción de su trayectoria formativa y producción bibliográfica pretende demostrar los hitos

de maduración de un método orientado a identificar narrativas mediáticas de la nación mediante deportes colectivos como el fútbol profesional. A lo largo de tres décadas, el autor ha estado desarrollando una metodología de análisis de discursos periodísticos sobre el desempeño de la Selección brasileña en los torneos cuatrienales de la FIFA, más conocidos como los Mundiales. Para tanto, sostenemos que un diferencial de su perspectiva sobre la construcción del nacionalismo deportivo ha sido un cambio progresivo en la mirada a la hora de elegir fuentes extranjeras – periódicos de Uruguay, Argentina y Francia– para comprender las relaciones identitarias enunciadas por los medios impresos sobre Brasil y la supuesta naturaleza del jugador brasileño. Dicha descentralización permite desvelar la construcción de estereotipos identitarios, al mismo tiempo posibilita relativizar el paradigma de la “esencia” de la nación en eventos internacionales competitivos. Por último, analizamos que la capacidad de concepción de una obra de autor también se relaciona con el concepto de “viajar como vocación” movilizado por la antropóloga Fernanda Peixoto para abordar una tradición de intelectuales que interpretaron Brasil, gracias a un movimiento simbólico-espacial de acercamiento y distanciamiento, con el reconocimiento especular de las alteridades y diferencias nacionales.

**Palabras clave:** Fútbol. Medios de comunicación. Identidad nacional. Copas mundiales. Viajar como vocación.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*